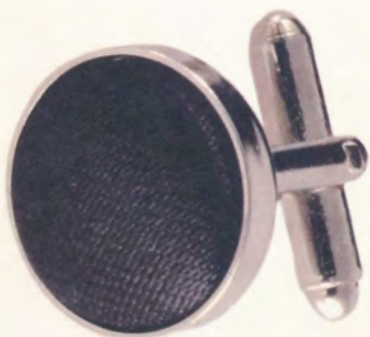




GONÇALO
WADDINGTON
**ALBERTINE,
O CONTINENTE
CELESTE**

TEATRO

ALBERTINE, O CONTINENTE CELESTE

GONÇALO WADDINGTON

ABYSSMO
PALCO

Só um cocheiro, coitado, sempre só um cocheiro e sempre condenado

Há coisas extraordinárias nesta última peça do Gonçalo Waddington. Uma delas, e porventura a que mais imediatamente se destaca, é o diálogo de ideias entre, por um lado, a física quântica / relatividade de Einstein (coisa que, só por si, tem merecido teses de pós-doutoramento no santo graal da reconciliação entre macro e microfísica) e, por outra parte, “o tempo perdido” de Proust, ou mais sucintamente, uma fatia do tempo perdido, através da qual se faz a arqueologia narrativa de Proust (essa identidade irrecuperável que nos chega pelos seus livros), das suas inquietações intelectuais à sua inabilidade afectiva. E se a peça parece começar com um MacGuffin (física quântica, relatividade geral, para onde isto nos leva dentro do que parece ser o âmago do enredo, a relação entre Albertine e Marcel?), no decorrer do espectáculo, e sobretudo perto do final, quando Albertine tira a bola a Proust num carrinho tão perfeito que não seria falta nem em Portugal, a óptica sofre um benevolente efeito de paralaxe, como se caminhássemos colina acima até chegar ao topo, para vermos, num repente epifânico, todo o horizonte, de onde viemos e para onde podemos ir. Isto já estava anunciado, o problema é que por vezes queremos ver todo o horizonte sem subir a porra nenhuma. E se nos dão esses trezentos e sessenta graus imediatamente, temos um nome para isso: banal. É o que toda a gente vê. A incapacidade de resistência ao percurso há-de transformar toda a arte num exercício pirotécnico ao nível do chão. Mas isso é outra conversa.

Declaração de intenções: de Proust li muito pouca coisa. De física quântica e relatividade geral, assim como de cosmologia, li muito mais. Como a peça se articula entre estes dois

universos, é natural que esta exposição acabe por sair coxa. Tentarei ater-me à experiência de espectador interessado e com vontade de dizer coisas sobre o que acaba de ver, ainda que isso seja contrário à ortodoxia proustiana.

Há dois motivos fundamentais para que a peça exija aquele começo só aparentemente desconexo: um tem que ver com a necessidade de assistirmos ao pensamento de Proust enquanto Proust pensa: a sua natural arrogância intelectual, a sua tendência para sobrevoar com algum desprezo as migalhas do quotidiano, a sua paixão pelas coisas distantes. Só assim percebemos, mais à frente, o choque inevitável entre Proust e Albertine, tal qual os cavalos de Platão no *Fedro*, um a puxar para baixo, para a terra, para o corpo, e outro a puxar para cima, para o abstracto, para a alma. Só um cocheiro, coitado, sempre só um cocheiro e sempre condenado.

O segundo motivo fundamental pelo qual se expõe Proust via física contemporânea é a necessidade de expor o tempo enquanto dimensão fundamental e não enquanto mera cronologia objectiva e objectivável. O tempo enquanto estrutura elástica, sujeito a efeitos gravitacionais e à velocidade, o tempo enquanto identidade do humano e o tempo cósmico enquanto labirinto de dispositivos, cuja compreensão, a existir, nos possibilitaria revertê-lo a bel-prazer, ou mesmo perscrutar, acaso a nossa esfera de acuidade o permitisse, os múltiplos universos que surgem de cada acontecimento com possibilidade interior de ter acontecido de outro modo. O tempo enquanto inquietação fundamental é a antecâmara da segunda parte da peça, e faz parte do percurso essencial para ter, em retrospectiva, o organismo desenhado meticulosamente pela narrativa.

E o que começa com uma madalena e com a possibilidade de, passando o *event horizon* de um buraco negro, sermos expostos à força da singularidade pela qual viajamos pelo espaço e/ou pelo tempo a uma velocidade superior à da luz, desemboca na relação entre Marcel e Albertine, criaturas tão diametralmente opostas como os cavalos de Platão. Albertine (a magistral Carla Maciel) é o veículo pelo qual Gonçalo põe em evidência, muito a contragosto de Marcel, a abstracção como refúgio do homem pouco capaz de lidar com a natureza das relações e, ao mesmo tempo, é a mulher na qual um certo hedonismo acaba por tocar, como assíntota, num modo fundamental de ser cristão: amar o próximo. *Albertine* (Gonçalo) recupera Proust da lonjura para a qual os seus livros o elevam, como uma inalcançável torre de marfim, e o Marcel arrogante e *blasé* da primeira parte (uma excepcional interpretação de Tiago Rodrigues) dá lugar

ao aristocrata entediado, incapaz de sustentar a argumentação de Albertine, escondendo essa incapacidade num desinteresse forjado, que o corpo de Tiago veicula sem esforço.

De memória «mais do que a destruição longínqua de milhares de civilizações em simultâneo, Marcel, interessa-me sobretudo esta nódoa que acabei de fazer no vestido.» E a peça é isto, classicamente isto, seja Proust, física quântica ou pastéis de Belém arraçados: a natureza dual do humano num conflito desde sempre insanável. Há todos os pré-socráticos em palco. Há também Sócrates, há toda uma cultura ocidental tão capaz de identificar o problema (se bem que muitas vezes incorrectamente) como incapaz de o solucionar. Há sobretudo a visualização caleidoscópica das múltiplas estruturas de sentido do humano. E isto com um texto e dois actores, excede tudo quanto se possa pedir. Obrigado, Gonçalo.

VALÉRIO ROMÃO